



A Transdisciplinaridade e os Saberes Tradicionais no Processo Ensino-Aprendizagem da Educação Escolar Quilombola do Colégio Estadual Calunga I – Extensão Joselina Francisco Maia, na Zona Rural do Município de Cavalcante - Goiás

Juliana Moraes Franzão, João Francisco Maia, Cleber Ponciano de Paula, Erli Felipe de Sousa, Evânia Moreira dos Santos, Guimes Rodrigues Filho, Joelice Francisco Maia e Sirlaine dos Santos Torres

ARTICLE INFO

Received: July 10, 2017
Accepted: August 13, 2017
Available on-line: October 30, 2017

Keywords: Saberes Tradicionais
Educação Escolar Quilombola.
Transdisciplinaridade.

E-mail:

julianaifgoias@gmail.com
jkalunga.18@gmail.com
cleberponcianodepaula@gmail.com
erlifelipedesousa@gmail.com
evaniakalunga@gmail.com
guimes@ufu.br
sirlainekalunga@gmail.com
joelicekalunga@gmail.com

ISSN 2007-9842

© 2017 Institute of Science Education.
All rights reserved

ABSTRACT

Este trabalho tem como objetivo explorar, por meio de um projeto transdisciplinar, a importância dos saberes tradicionais, cultura, meio ambiente, saúde e alimentação dentro das disciplinas do Currículo Comum e, a partir da prática educativa, relacionar aspectos do cotidiano com ações reflexivas que venham minimizar problemáticas diagnosticadas na Comunidade Quilombola Kalunga, como dificuldade no ensino de ciências e matemática, reduzida conscientização ambiental e extinção de saberes tradicionais. A Educação Escolar Quilombola, ainda não possui um currículo específico conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, por meio da Resolução N.º 8 de 20 de novembro de 2012. Apesar dos obstáculos, os professores da Comunidade Remanescente de Quilombo Kalunga – Engenho II, localizada no município de Cavalcante – GO, vem por meio de práticas pedagógicas desenvolvendo importantes trabalhos com os alunos e membros da comunidade, contribuindo para que pesquisadores (professores e alunos) e pesquisados (membros da comunidade) sejam envolvidos no processo educacional. A investigação é de cunho qualitativo por considerar que a construção dos saberes/conhecimento é uma construção humana e, portanto, contextualizada num tempo e num espaço. Os dados foram coletados por meio do desenvolvimento do Projeto de Aprendizagem intitulado como: Meio Ambiente, Turismo, Saúde, Alimentação, Tradição, Educação e Cultura e desenvolvido com os alunos do Colégio Estadual Calunga I – Extensão Joselina Francisco Maia no primeiro semestre de 2017. Os alunos realizaram entrevistas com anciões da comunidade, fizeram levantamento de dados junto com membros da comunidade Engenho II, visitaram lugares da comunidade e desenvolveram atividades educativas na sede da escola com a realização de aulas que envolveram os conteúdos com o tema do projeto e as demais disciplinas. Esses dados foram analisados segundo a técnica da Análise Textual Discursiva. Os resultados apontam que os saberes tradicionais da comunidade precisam ser incorporados como parte do currículo, como forma de reconhecimento e valorização e, para que não se percam no tempo ao longo das novas gerações, é necessário trabalhar a educação ambiental, a fim de que a comunidade não venha a sofrer problemas ambientais oriundos do avanço do turismo. A aproximação dos hábitos urbanos na comunidade e a contextualização do cotidiano junto com o trabalho transdisciplinar são ferramentas que auxiliam no processo ensino-aprendizado. As narrativas dos pesquisadores e pesquisados evidenciam a importância de se desenvolver pesquisa na escola como forma de melhorar o processo ensino-aprendizagem, as próprias condições de vida na comunidade e que, a partir do desenvolvimento do projeto, há necessidade de se trabalhar estratégias pautadas na transformação da educação e da sociedade, que possam contribuir para o modelo de formação dos alunos.

Palabras clave: Educação Escolar Quilombola, Transdisciplinaridade, Saberes Tradicionais

The objective of this work is to explore, through a transdisciplinary project, the importance of traditional knowledge, culture, environment, health and food within the disciplines of the Common Curriculum and, from the educational practice, to relate everyday aspects to reflective actions that will minimize problems diagnosed in the Quilombola Kalunga Community, such as difficulty in teaching science and mathematics, reduced environmental awareness and extinction of traditional knowledge. The Quilombola School Education doesn't have a specific curriculum according to the National Curricular Guidelines for Quilombola Elementary School Education in Basic Education yet, through Resolution No. 8 of November 20, 2012. Despite the obstacles, teachers from the Remainings of Quilombo Kalunga Community - Engenho II, located in the municipality of Cavalcante - GO, come through pedagogical practices by developing important works with students and community members, contributing to researchers (teachers and students) and researched (community members) to be involved in the educational process. The research is qualitative nature because it considers that the construction of knowledge is a human construction and, therefore, contextualized in a time and a space. The data were collected through the development of the Learning Project entitled: Environment, Tourism, Health, Food, Tradition, Education and Culture, developed with the students of the Calunga State School I - Joselina Francisco Maia Extension in the first semester of 2017. The students conducted interviews with community elders, collected data with members of the Engenho II community, visited community places and developed educational activities at the school's head office with classes that involved the contents of the project theme and the other subjects. These data were analyzed using the Discursive Textual Analysis technique. The results point out that the traditional knowledge of the community needs to be incorporated as part of the curriculum as a way of recognition and appreciation and so that they don't lose time in the new generations. It is necessary to work environmental education, so that the community does not suffer environmental problems arising from the advancement of tourism. The approach of the urban habits in the community and the contextualization of daily life along with the transdisciplinary work are tools that aid in the teaching-learning process. Researchers' and researched's narratives highlight the importance of developing research in school as a way to improve the teaching-learning process, the community's own living conditions and that, from the project's development, there is a need to work on strategies that can contribute to the model of student training, based on the transformation of education and society.

I. INTRODUÇÃO

A Comunidade Quilombola Kalunga está localizada na região conhecida como Vãos da Serra Geral, no Vale do rio Paranã e seus afluentes, às bordas da Chapada dos Veadeiros, no nordeste do Estado de Goiás entre os municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás e ao sudeste do Estado do Tocantins, entre os municípios de Arraias e Paranã na região da Serra do Bom Despacho (nesse caso denomina-se Kalunga do Mimoso).

São cinco os principais núcleos (Vão do Moleque, Vão de Almas, Ribeirão dos Bois, Contenda e Engenho II) do grande Território Quilombola Kalunga, o qual recebeu a certificação de Comunidade Remanescente de Quilombo pela Fundação Cultural Palmares em 1998, sendo que, anteriormente, foi reconhecido em 1991, pelo Governo do Estado de Goiás como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural de Goiás. As regiões maiores e as menores possuem seus respectivos nomes para facilitar o deslocamento dentro do maior território quilombola do Brasil, que possui 261.999 ha (duzentos e sessenta e um mil, novecentos e noventa e nove hectares) no estado de Goiás somados a 57.465 ha (cinquenta e sete mil, quatrocentos e sessenta e cinco hectares) no estado de Tocantins (municípios de Arraias e Paranã), sendo o que o rio Paranã é o divisor dos dois estados.

A Comunidade Quilombola Kalunga - Engenho II está localizada a 27 quilômetros do município de Cavalcante e está passando por um processo de civilização em relação às rupturas e permanências referente à educação, cultura e meio ambiente que tem surgido a partir do desenvolvimento da comunidade com a chegada da energia elétrica, rede de internet, do turismo local o qual atrai visitantes de várias regiões do Brasil para conhecer as belíssimas cachoeiras existentes na comunidade. Diante de tais transformações consideráveis, percebemos que nem todas vêm como pontos positivos para a comunidade. E já considerando alguns percalços, buscamos, por meio da prática educativa, realizar ações reflexivas e de conscientização para amenizar as problemáticas diagnosticadas na comunidade a partir dessa transformação social, de forma com que exista uma valorização e registro dos valores culturais, dos conhecimentos tradicionais que estão se perdendo com o decorrer dos anos.

É importante enfatizar que, mesmo diante das tecnologias e da socialização com o meio urbano ou com os turistas que visitam a comunidade, pois o acesso à cidade se tornou mais fácil, quando comparado há trinta anos, é importante apresentar ao jovem que existe uma identidade que caracteriza a comunidade, uma história marcada por muita luta de seus antepassados que persiste até os dias atuais, a fim de que sejam garantidas boas condições para as gerações futuras.

Visando trabalhar na prática escolar a realidade local, o coletivo docente e discente do Colégio Estadual Calunga I- Extensão Joselina Francisco Maia, buscou trabalhar, a partir de um trabalho transdisciplinar, o resgate da cultura e história, a preservação do meio ambiente e práticas de uma alimentação saudável que está se perdendo com o passar do tempo na comunidade. O presente trabalho tem o intuito de conscientizar a comunidade escolar sobre a importância dos saberes tradicionais versus o conhecimento científico, as tradições culturais e a preservação do meio ambiente por meio de um vídeo documentário produzido de acordo com os relatos dos anciões da comunidade. Uma das intenções é que, além da valorização desses idosos, esse material sirva como um instrumento de pesquisa para a escola e a comunidade.

Ao considerar a citação de Aristóteles¹ (s/d) “se a natureza nada faz em vão e sem um objetivo, é claro que ela deve ter feito isso para o benefício da espécie humana”, é válido descrevermos aqui um pouco sobre as peculiaridades da nossa escola e a mediação da mesma com a comunidade para compreender a metamorfose fruto das lutas de resistência, busca de recursos e de novos níveis de ensino até a implantação do Ensino Médio na nossa unidade.

O Colégio Estadual Calunga I – Extensão Joselina Francisco Maia, mais conhecida na comunidade como escola Joselina Francisco Maia, está localizada na Comunidade Kalunga Engenho II, tem o orgulho de fazer parte do maior quilombo do Brasil, o Quilombo Kalunga, e vem aos poucos buscando um norte para o seu desenvolvimento em termos de ampliação de conhecimentos e destaque na sua história, com vistas às políticas públicas que atendam às necessidades da educação do campo com a valorização dos saberes tradicionais. É uma das dezoito unidades atendidas pela Diretoria das Escolas Calungas sediada no município de Campos Belos que é beneficiada por ser a mais próxima e de fácil acesso à cidade, quando comparada às demais, são em média 50 minutos de carro para o centro urbano, em comparação às 3 horas de outra comunidade (quando as estradas estão em condições razoáveis).

¹ Filósofo grego, sec. IV a. C, p. 20

Com base no relato de Seu Sirilo², esta pequena unidade escolar, iniciou-se por volta dos anos de 1962 – 1964, tinha o nome Escola Municipal Fazenda Engenho II, com a professora Joani Gomes (da cidade de Cavalcante) que, segundo informações, não tinha nem o Ensino Fundamental completo. A escola teve uma aluna chamada Joselina Francisco Maia, que mais tarde tornou-se professora na comunidade e, em sua homenagem, a atual escola tem o seu nome, pois ela foi a primeira professora a lecionar na primeira sala, construída em 1984. Posteriormente, sua aluna Milza Francisco Maia também seguiu o mesmo exemplo e passou a lecionar no seu lugar. A popular Tia Milza trabalhava desde o pré até a quarta série do Ensino Fundamental em sistema multisseriado (alguns de nós iniciamos como alunos dela por volta de 1992), pouco tempo depois foi construída uma nova sala, contratando-se uma nova professora, Dorotéia dos Santos Rosa, que assumiu duas séries iniciais.

Na administração do Prefeito Municipal Eduardo Coimbra Passos (2001 – 2004), a comunidade teve a visita do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva no dia 12 de março de 2004. Nessa data, foi inaugurado um novo prédio com três salas, uma cantina, uma secretaria, uma área e dois banheiros próximo ao prédio. Surgia ali a implantação do Ensino Fundamental completo, após várias viagens e cobranças de sujeitos que, de certa forma, assumiram um papel veterano de lideranças. Passando por um lento processo de avanço nas séries seguintes ao Ensino Fundamental, em 2008, a Fundação Bobby Moore³, uma Organização Não Governamental – ONG construiu, em parceria com os moradores locais, um segundo prédio com três salas, mais dois banheiros e uma área, espaço destinado ao funcionamento da 1ª à 3ª série do Ensino Médio.

Assim como temos uma escola no campo e do campo, é fundamental compreender a história de como os níveis de educação avançaram ao longo dos anos para valorizar o que temos e justificar a nossa necessidade de realizar atividades para que os alunos possam cada vez mais ser formados para além de obter um título de conclusão do ensino médio, que eles possam se formar para a cidadania na qual os aspectos culturais, tradicionais, educacionais, ambientais, alimentares e de saúde sejam considerados e tenham importância ao longo de suas vidas.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi o de elaborar um projeto transdisciplinar que abordasse a importância dos saberes tradicionais, cultura, meio ambiente, saúde e alimentação dentro das disciplinas do Currículo Comum e, a partir da prática educativa, relacionar aspectos do cotidiano com ações reflexivas que viessem minimizar problemáticas diagnosticadas na Comunidade Quilombola Kalunga, como dificuldades no ensino de ciências e matemática, reduzida conscientização ambiental e extinção de saberes tradicionais.

II. METODOLOGIA

Foi utilizado uma abordagem qualitativa por se tratar de um trabalho voltado para a área educacional, uma vez que foi considerado que o conhecimento é uma construção humana e, portanto, contextualizado num tempo e num espaço. Segundo Moraes (2016) a pesquisa qualitativa tem a intenção de investigar um fenômeno a partir de uma análise

² Líder comunitário e de grande representatividade, não só na comunidade local, mas em todo o território Kalunga.

³ Bobby Moore, jogador de futebol da Inglaterra que conquistou o título mundial de 1966. Na época, conseguiu duas conquistas, o título mundial e vencer um câncer, após sua morte em 1993, todos os seus bens financeiros foram pela sua esposa, para combater câncer e atender na área da Educação.

rigorosa e criteriosa para compreendê-lo, o propósito não é testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las, mas compreender o fenômeno. Esses dados foram analisados segundo a técnica da Análise Textual Discursiva que segundo Moraes e Galiazzi (2007) afirmam que:

a análise textual discursiva é um processo integrado de análise e de síntese que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais, com o objetivo de descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais complexa dos fenômenos e dos discursos a partir dos quais foram produzidos. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 114)

A metodologia consistiu em realizar, a partir de uma importante e rica discussão coletiva entre alunos e professores, a elaboração do Projeto de Aprendizagem intitulado como: Meio Ambiente, Turismo, Saúde, Alimentação, Tradição, Educação e Cultura, abordando-se como alcançar os objetivos gerais e específicos propostos com o desenvolvimento do projeto junto com a comunidade escolar. Na elaboração do projeto, os objetivos foram estabelecidos, realizou-se um planejamento das atividades com os apontamentos de como as atividades atenderiam as diversas áreas do conhecimento de uma forma transdisciplinar, coesa, conectada, diferentemente daquele conhecimento fragmentado obtido a partir das disciplinas específicas do currículo escolar, o que por muitas vezes se torna desinteressante ao aluno por não haver conexão com o seu cotidiano.

Definindo as etapas do projeto e os conteúdos que seriam abordados com o desenvolvimento do projeto, elaborou-se o roteiro para realização das entrevistas com as pessoas mais velhas, providas de grandes saberes tradicionais da comunidade. Essa atividade contou com o recurso de uma câmera (áudio e vídeo) e de computador para a realização da edição do documentário, sendo que foram solicitadas autorizações para divulgações dos materiais coletados. Os alunos demonstraram interesse em participar do projeto, acompanhando os professores na realização das entrevistas, cada aluno ficou com uma tarefa específica durante a execução das entrevistas.

A edição das entrevistas foi realizada dando origem ao documentário que foi exibido para toda comunidade escolar. Em seguida, os alunos foram divididos por série para realizarem atividades transdisciplinares a partir do documentário.

Utilizou-se da teoria do currículo dinâmico, como estratégia para a ação educativa, que facilite a troca de informações entre alunos e professor/aluno, por meio de uma socialização de esforços em uma tarefa em comum, o projeto, em que cada indivíduo contribuiu com o que sabia, com o que tinha, com o que pôde, se empenhando ao máximo na concretização do objetivo comum e tendo como resultado a concretização do aprendizado.

D'Ambrósio afirma que o currículo dinâmico é desenvolvido simultaneamente em três etapas:

Motivação, resultado de condições emocionais e da interface passado/futuro; Elaboração de novo conhecimento mediante troca/construção/reconstrução de conhecimentos; Socialização mediante a realização de tarefas comuns. (D'Ambrosio, 2016, p. 281)

Assim observa-se a necessidade em construir um currículo dinâmico, que foge radicalmente das propostas centradas nos conteúdos, que ainda dominam o currículo atual, como uma estratégia de educação holística.



FIGURA 1: Apresentação do documentário para a comunidade escolar e realização da atividade de produção de texto.

As atividades relacionadas ao documentário apresentado abordaram conteúdos curriculares trabalhados com os temas transversais (Saúde, Meio Ambiente, Agricultura Familiar e Turismo). Assim, o projeto visou trabalhar os respectivos conteúdos das áreas específicas de uma maneira transdisciplinar sendo eles: produção de texto, prática de oralidade e prática de análise da língua, grandezas físicas, gráficos e tabelas, elementos químicos, características do solo, adubos orgânico e inorgânico, produtos fitoterápicos, compostos biodegradáveis, materiais recicláveis, fertilizantes, meio ambiente, fotossíntese, bioma, classificação das plantas, relevo, vegetação, clima, alimentação e saúde. As disciplinas abordadas foram: português, matemática, química, física, biologia, sociologia, geografia, história, educação religiosa e arte.

III. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao realizar uma análise dos conteúdos da Matriz Curricular, e perceber que o gênero reportagem se adequava ao projeto, os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental iniciaram as atividades, sendo eles então os protagonistas iniciais do projeto. A partir de uma reunião com os alunos, quando pudemos dialogar sobre o projeto, estabelecemos o quê, como e quando seriam desenvolvidas as atividades, chegando à conclusão de que seria viável a elaboração de um documentário transdisciplinar a partir de entrevistas usando gravações de áudio e vídeo sobre a nossa comunidade. Construímos roteiros, solicitamos permissão aos entrevistados para realizarmos as filmagens e, posteriormente, apresentarmos à escola, à comunidade e nas atividades externas que envolvessem a escola. A apresentação do documentário foi realizada para a comunidade estudantil e no II Encontro de Docentes das Escolas Quilombolas ocorrido em março, em Goiânia, capital do estado de Goiás.



FIGURA 2. Apresentação do documentário no Colégio Estadual Calunga I – Extensão Joselina Francisco Maia e no II Curso de Formação de Docentes Quilombolas em Goiânia.

Cada professor contribuiu de acordo com as suas áreas do conhecimento, ficando responsável por coordenar uma ou mais turmas e se ligar aos eixos de acordo com suas formações.

Na disciplina de Português tivemos o ponto de partida com a construção de roteiros, perguntas para entrevistas, edição do vídeo, lembrando que leitura e produção de texto foram indispensáveis a todos os alunos, independente, de professores e de disciplinas. Foi realizada a reflexão sobre como era a preservação das matas ciliares nascentes de rios, a valorização da cultura local, a educação, os meios de produção, saúde e alimentação saudável. A partir dessa reflexão, surgiram questionamentos de como era a nossa comunidade há vinte anos, hoje, e como estará (sob o ponto de vista de cada um) daqui a vinte anos.

Seguem alguns exemplos de questionamentos elaborados para buscar informações com os anciões a fim de que, posteriormente, fossem desenvolvidas atividades a partir das respostas obtidas:

Escola: Quando e como começou a escola Joselina Francisco Maia? Como era a mesma vinte anos atrás, o que evoluiu e como o senhor (entrevistado) acha que estará daqui a vinte anos?

Turismo e produção de alimentos: E se um dia o turismo acabar, e o governo cortar os benefícios que atendem às famílias mais carentes, haveria terras de cultivo suficiente para atender todas as pessoas da nossa comunidade? O que poderia acabar com o turismo local?

Meio ambiente: Sabemos que existem pessoas que não respeitam as nascentes e atrativos da nossa comunidade, como você acha que eles estarão daqui a vinte anos?

Saúde: No ponto de vista do senhor, como está o atendimento da saúde atualmente?

Alimentação: E como está a alimentação hoje, em relação há dez anos, e como estará daqui a vinte anos?

Conforme os resultados foram sendo obtidos nas produções de texto, a partir de análises e de dados coletados com base nas entrevistas, percebemos que houve inúmeras transformações, uma maioria com pontos positivos

carregados de virtudes, todavia ainda há uma minoria que necessita de continuidade de trabalhos para que melhorem a partir das práticas pedagógicas.

Dentro desse contexto, comentamos com nossos discentes, primeiro, sobre a forma como nos alimentamos atualmente, que já não é a mesma de antigamente. Muitas pessoas consomem produtos industrializados, a banha de porco e o óleo extraído do coco têm sido substituídos pelo óleo de soja, o café é adoçado com açúcar cristal e não mais pela garapa⁴. As ferramentas de trabalho também não são as mesmas, os machados cederam lugar à destruidora motosserra, roendo as matas que cobrem as ricas terras de melhor produção.

No desenvolvimento do projeto, percebemos avanços nas áreas de educação, saúde e, especialmente, do turismo que está no seu auge. Essa atividade traz renda, mas precisa ser bem direcionada para não causar impactos ao meio ambiente local, de alguma forma, a comunidade vem se modernizando, já tem uma associação interna, a Associação Kalunga Comunitária Engenho II – AKCE, movida pelos bens arrecadados a partir da portaria de turismo da comunidade. A AKCE é constituída por membros da comunidade, sendo que o ex-presidente que também estudou na escola local, teve visão para fazer grandes investimentos em benefício da comunidade, contemplando a todos os moradores com água encanada, além da construção de uma cozinha no barracão⁵ comunitário, a reforma da igreja católica, a construção de uma base policial e a ampliação do Centro de Atendimento ao Turismo – CAT, local no qual se realiza todo o controle de entrada de pessoas para os atrativos turísticos, a contratação do condutor de visitantes, que tem o papel de conscientizá-los na preservação do ambiente local, agir como uma espécie de guarda-costas no sentido de garantir um passeio com segurança e cronometrar o tempo nos atrativos, dependendo do número de pessoas que se encontram no local.



FIGURA 3. Cozinha do barracão comunitário

⁴ Caldo retirado da cana.

⁵ Espaço onde acontecem reuniões e as festas, atividades religiosas referentes às datas comemorativas, da comunidade.



FIGURA 4. Base da Polícia Militar Comunitária no CAT.



FIGURA 5. Centro de Atendimento ao Turismo - CAT.

A Comunidade Engenho II, a partir desse grupo organizativo, tem uma atenção enorme voltada para a educação, independente de a escola ser estadual ou municipal, o trabalho é bem articulado e sempre atendeu às solicitações das lideranças locais. Exemplo disso, a partir de uma ação escolar da rede de ensino estadual, após os professores pedirem um brinde para a equipe vencedora entre os alunos, a unidade foi contemplada com um projetor de imagens, que é um recurso pedagógico importante para a escola e para a comunidade.

Assim, pode-se perceber que, diante de várias rupturas e permanências, a comunidade no geral deu um salto em relação ao que era antes, e a tendência é melhorar, desde que se pense nas ações levando em consideração as consequências.

Os alunos realizaram a construção de gráficos e calcularam porcentagens com base nas informações obtidas durante as entrevistas e com o documentário. Conforme a fala de Seu Zé Preto⁶ (José dos Santos Rosa), o número de pessoas trabalhando nas roças vem diminuindo a cada ano. Ele relatou que, entre 1990 a 2000, a cada dez homens

⁶ É um dos anciões mais sábios e de grande conhecimento com a agricultura familiar. Hoje é um dos condutores de visitante, e bastante conhecido por seu vasto conhecimento com as plantas medicinais.

adultos, nove plantavam roças. A partir de 2000 até 2010, esse número caiu, de cada dez homens adultos, sete plantavam roças. Já de 2010 a 2017, esse número caiu ainda mais, a cada dez homens adultos, apenas cinco plantam roças.

Trazendo esses dados para a linguagem matemática, os alunos puderam concluir que de 1990 a 2000 aproximadamente 90% dos homens adultos plantavam roças. Já de 2000 a 2010, 70% plantavam roças. Em 2017, apenas 50% dos homens adultos plantam roça, ou seja, de 1990 a 2017, 40% dos homens adultos deixaram de plantar roça.

De acordo com a fala do Senhor Sirilo, o turismo na comunidade vem na contramão da agricultura de subsistência. O número de pessoas envolvidas com as atividades do turismo (preparar, servir refeições, hospedar e ser guia) vem crescendo a cada ano. Segundo ele, no ano de 2000, a cada 10 pessoas adultas, uma trabalhava em alguma atividade que envolvia o turismo, já em 2010, esse número subiu bastante. A cada dez adultos, cinco trabalhavam com alguma atividade relacionada ao turismo e no ano de 2017 a cada dez pessoas adultas, oito estão envolvidas com a atividade. Ou seja, no ano de 2000, 10% das pessoas adultas, trabalhavam com o turismo. Em 2010 o percentual subiu para 50% e já em 2017, esse número saltou para 80%. O que chama a atenção para o fato de que, mesmo com a mudança da atividade de sair do plantio de roça para trabalhar com o turismo, as pessoas não deixem perder no tempo as tradições, a identidade e a cultura.

Os alunos ainda aprenderam a construir gráficos a partir das informações coletadas e de uma atividade apresentada pelo professor:

Atividades

Com base nas informações do texto responda:

1. No ano de 2000 tinha mais pessoas envolvidas com roça ou turismo? Qual era a diferença entre um e outro?
2. No dias atuais, qual atividade envolve mais pessoas, o turismo ou a roça? Qual é a porcentagem de diferença entre as duas atividades?
3. Construa um gráfico de barra que descreve a evolução das duas situações do turismo e das roças com o passar dos anos.

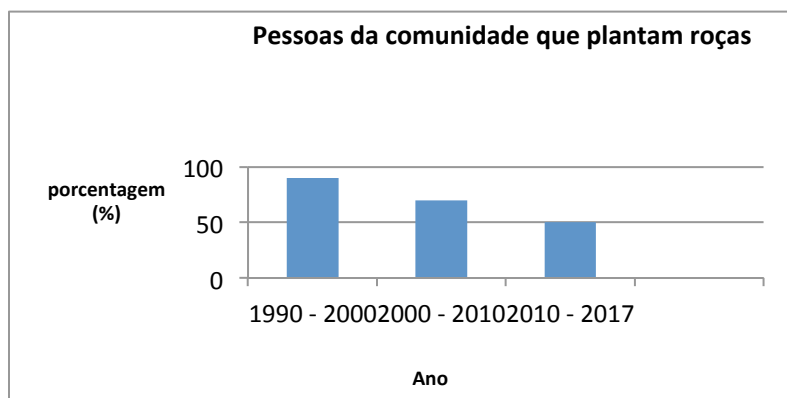


FIGURA 6. Pessoas da comunidade que plantam roças.

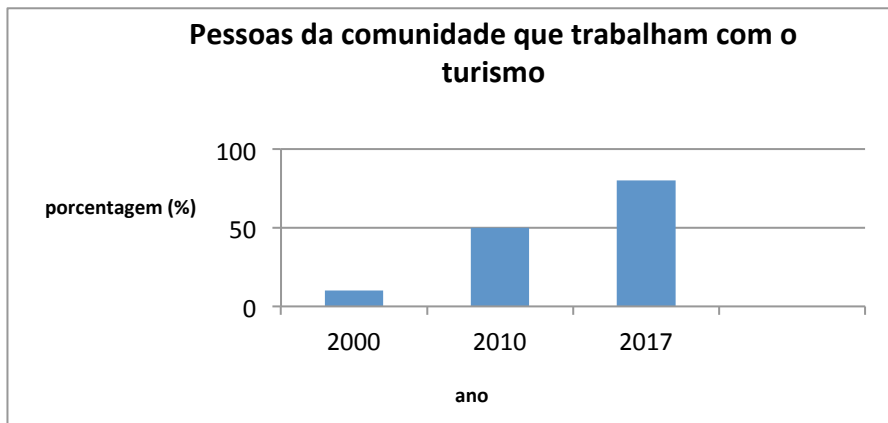


FIGURA 7. Pessoas da comunidade que trabalham com o turismo.

Com a elaboração dos gráficos, os alunos puderam observar que a plantação de roças é inversamente proporcional ao desenvolvimento da atividade relacionada, à medida que aumenta o número de pessoas trabalhando com o turismo, diminui o número de pessoas trabalhando na roça. Os alunos ainda realizaram uma entrevista com 10 moradores da comunidade a fim de saber qual era o tipo de fonte de renda, com os dados coletados construíram tabelas, gráficos e fluxogramas.

Para discutir arte e ensino religioso, foi trabalhada uma pesquisa sobre o porquê de vários rituais nas atividades religiosas, citando, por exemplo, que em todo arremato⁷ de folias todos os foliões dividem o bolo coletado no arco pelo alferes da folia⁸. O que representa o arco com flores e biscoitos na porta da igreja durante os arremates de folias? O que significa esta distribuição entre o coletivo? Sendo a resposta, de forma resumida que o arco significa amor prosperidade, e a divisão dos bolos biscoitos, representa família com alimentação farta, e muita paz e união entre festeiros foliões e moradores da comunidade. Perguntou-se também: Por que a troca do mastro da bandeira mesmo que esteja em bom estado de conservação? Obtivemos como resposta: Segundo os mais velhos, se caso o mastro por azar acontecer de quebrar é sinal de mau agouro aos foliões ou encarregados da folia ou qualquer um ali presente, então um mastro novo seria a possibilidade de que ele não se quebraria.

A flora do Cerrado foi escolhida como tema para as seguintes perguntas: Quais são as características da flora do Cerrado? Como é a estrutura da flora do Cerrado e por que tem essa estrutura? Conhece alguma planta do Cerrado que é medicinal e a qual grupo ela pertence? Quais os cuidados que devemos ter para não impactar o Cerrado? A flora do cerrado foi contemplada para trabalhar metabolismo energético (fotossíntese, quimiossíntese, respiração celular); classificação das plantas; morfologia, fisiologia das angiospermas. Associado à questão da flora, discutiu-se, ainda, sobre: O que os pais plantam nas roças? Quem consome o que é produzido? Qual a forma de plantação? Qual é o tipo de adubo utilizado? Essas questões promoveram o debate sobre os elementos químicos, adubos orgânicos e inorgânicos e fertilizantes.

⁷ Finalização da folia

⁸ Atividade religiosa formado por um grupo de pessoas (foliões), que giram nas casas das pessoas católicas, onde **fazem** o canto do santo de devoção e **cantam** a curraleira.

Visando trabalhar aceleração; movimento uniforme e movimento uniforme variado, grandezas e Máquinas, foram elaboradas as seguintes perguntas: Quantos quilômetros têm o percurso de sua casa até a área de plantação (roça)? Quanto tempo gasta pra chegar até a roça? Qual o meio utilizado durante a plantação e no cultivo?

De acordo com as informações coletadas, a maioria das famílias planta os alimentos mais comuns, utilizados na comunidade como o arroz, feijão, milho, mandioca, banana, abóbora e, de forma variada, outros gêneros alimentícios. A plantação acontece de forma manual, desde a limpeza do terreno até a colheita e não utiliza nenhum tipo de agrotóxico e nem fertilizante. A adubação é do próprio local, a partir da matéria orgânica, como folhagem, capim, tronco de madeira. E o que é produzido é para o consumo da família, em caso de excedente, vendem para moradores da comunidade que não plantam. Geralmente, esses gêneros alimentícios são consumidos pela própria comunidade.

Para compreender hidrografia, clima e relevo foram trabalhados os seguintes questionamentos: Qual o período de plantação e colheita dos principais alimentos (arroz, feijão, milho e mandioca) produzidos na comunidade? Os anciões utilizam algum conhecimento empírico (fases da lua e profecias)? Qual a região do Brasil em que a comunidade está inserida e suas principais características?

Os alunos puderam compreender que a plantação acontece nas roças de tocos, pois as técnicas utilizadas não agredem tanto o solo que tem uma recuperação rápida, de forma que não degrada o meio ambiente. O produto final propicia uma alimentação saudável, sem nenhum tipo de agrotóxico. A roça mais próxima tem aproximadamente 6 quilômetros de distância da moradia, algumas chegam até 20 quilômetros. O percurso gasto é de aproximadamente 50 minutos a 2 horas e meia de acordo com o ritmo da caminhada.

É importante relatar que, entre os Kalungas, a principal fonte de renda é a agricultura de subsistência e o turismo, sendo que as pessoas mais velhas estão concentradas nas plantações das roças, já os mais jovens no turismo. Mas quase todos são beneficiados com o turismo, pois quem não é condutor de visitantes, de certa forma é beneficiado a partir do abastecimento dos restaurantes com produtos alimentícios (arroz, feijão, mandioca, farinha, ovos, galinha caipira, hortaliças), sendo que os donos de restaurantes que atendem os turistas também são beneficiados.

Compreender que a comunidade está localizada no cerrado brasileiro, rico em águas que precisam ter a sua qualidade preservada, foi importante a fim de chamar a atenção para a questão do lixo, dos poluentes que devem ser lançados nos locais adequados. Manter uma água cristalina, como as da comunidade, é um dever que todos devem tomar para si.

Foram trabalhadas a história e memória da escola e da comunidade a partir das perguntas: Quem foi a primeira educadora na Comunidade Kalunga Engenho II? Em que ano iniciou a atual Escola Joselina Francisco Maia? E por que a escola tem o nome de Joselina Francisco Maia? A partir dos relatos coletados com os anciões, houve uma valorização da educação, pois os mais velhos apontaram que queriam estudar, mas não foi possível e já que os jovens tinham a oportunidade, eles deveriam valorizar e usar a educação para alcançar os seus sonhos, sem perderem sua identidade, cultura, tradição, lembrando-se sempre de suas raízes.

Percebe-se que, a partir das atividades desenvolvidas, os alunos tiveram um ótimo empenho em termos gerais, como comportamento, participação, resolução de problemas e construções de respostas e que ocorreu até mesmo

articulação entre turmas. A socialização transdisciplinar deixou claro que a força de vontade e companheirismo entre o colegiado de professores, faz do pensar, o agir, enfim, o fluir de uma determinada ação acontecer. Alunos que eram tímidos se sentiram desafiados a desenvolver a atividade proposta, o que repercutiu com êxito no desenvolvimento coletivo. Alguns deles mostraram seu lado crítico após debater os conflitos voltados para os temas abordados no projeto.

Os resultados alcançados, com base na coleta de dados, refletiram em inúmeras transformações, algumas delas são vistas como benefícios, enquanto outras como consequências para a comunidade. Historicamente, as pessoas eram quase independentes dos produtos industrializados, visto que os moradores só usavam condimentos e temperos naturais, e plantas medicinais. Da cidade, eram trazidos o sal, tecido e café. As pessoas eram saudáveis e tinham maior longevidade. Atualmente, com o acesso aos produtos, movido ao apelo das propagandas, disponíveis nas redes de comunicação como a internet e televisão, a maioria das pessoas da comunidade, principalmente os mais jovens, querem utilizar somente produtos industrializados. Essa mudança nos padrões de vida tem causado problemas de saúde que antes não existiam na comunidade, entre eles a obesidade, diabete, câncer e hipertensão arterial, inclusive em pessoas de faixa etária muito baixa.

Discutimos, ainda, com os alunos como os avanços tecnológicos e as substituições são benefícios ou não para a comunidade, procurando colocar na balança alguns outros aspectos, por exemplo, a preservação do meio ambiente para que o turismo continue sendo além de uma fonte de renda, uma forma de demonstrar como é possível usufruir de forma consciente, sem depredar.

O turismo tem se tornado uma das maiores fontes de renda, algumas pessoas já instalaram internet, pagam suas contas, compram eletrodomésticos e reformam suas casas a partir do que ganham com essa atividade. De acordo com os resultados levantados, a partir da aplicação do projeto e com as discussões realizadas em sala de aula a partir dele, se esse contexto social, acarreta a evasão dos agricultores para a atividade turística na comunidade, por outro lado favorece a venda de parte do produto excedente dos que continuam na agricultura para aqueles que deixaram de plantar e ou donos de restaurantes.

IV. CONCLUSÃO

Foi possível observar, com o desenvolvimento do projeto, que todos os participantes foram protagonistas dele, que a transdisciplinaridade, além de ser possível, possui eficiência ao comprovar que o conhecimento faz parte de um todo e que a sua fragmentação dificulta o processo ensino-aprendizagem. Por outro lado, a autonomia do professor em buscar tal ferramenta em conjunto com os seus demais pares, colabora para uma educação efetiva e de qualidade. Fazer do aluno protagonista do seu próprio processo de aprendizagem e incluir os membros da comunidade nesse protagonismo, de alguma forma, tem valor imensurável, visto que há a construção de conhecimento em conjunto e a valorização dos saberes tradicionais dos anciões. Percebemos na fala de alguns pais sobre a necessidade de que o sistema educacional implantasse e priorizasse disciplinas que pudessem trabalhar a práxis, ou seja, a prática e a ação juntas, dentro dos

parâmetros específicos voltados para a realidade dos nossos alunos. Pensamos de imediato nos meios de produção, a agricultura familiar de forma não predatória, mesmo não sendo uma área específica, mas ligada à vida no campo, a agricultura de subsistência, as técnicas de plantios dos mais velhos da comunidade, os saberes tradicionais visando acertar o dia aproximado da colheita, a fase boa da lua e o mês apropriado ao plantio, os cereais e tipo de terra propícia para melhor resultado nas colheitas. Outro fato importante está no manejo com a terra, para não se degradar, permanecendo fértil para o hoje e o amanhã. Os anciões conseguem ver o momento certo de abandonar a parte usada para que seja restaurada. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário,

As comunidades Quilombolas são um exemplo prático da articulação entre bem-estar humano e bem-estar das matas, das florestas, das águas. No Brasil, os locais onde há séculos vivem essas comunidades são os locais onde a natureza está em harmonia. (MDA, 2012, *apud* MAIA, p. 20).

Ao contrário do que fazem muitos fazendeiros que usufruem das terras de melhor acesso e cultivo e a degradam, usando seus tratores com grades, fere fundo a vida daquele rico solo, que é transformada em pastos para suas vacas, tornando-o infértil, e com uma longa e difícil recuperação. E o mais preocupante é a dificuldade em repassar aos jovens da comunidade a importância dos saberes que vêm se perdendo ao longo dos anos. Observa-se que a escola é um meio no qual é possível ensinar conteúdos exigidos no currículo escolar e, ao mesmo tempo, resgatar a cultura e amenizar problemas, os quais, querendo ou não, surgem com o desenvolvimento a partir do avanço dos recursos tecnológicos e do acesso às diversas situações relacionadas à modernidade e à vida urbana. A união entre a escola e a comunidade pode vir a ser um caminho considerável para amenizar os problemas ligados aos temas que necessitam de maior atenção, garantindo que a modernidade esteja presente na vida do quilombo, porém sem perder toda a riqueza de valores que são passados ao longo de gerações. Vale lembrar sempre da luta que existiu entre nossos antepassados africanos que sofreram todo o tipo de violência ao serem escravizados e traficados, para nos permitir condições mais humanas de viver em uma terra que ainda não ultrapassou o preconceito. Afirmamos, ainda, que ninguém sabe mais do que o outro, existe diversidade de saberes entre as sociedades e as ciências, nesse sentido, entendemos que não há aprendizagem somente entre os alunos, e sim na relação entre aluno e professor visto que o professor aprende junto com o aluno e com a comunidade e vice-versa.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a cada entrevistado pelas importantes contribuições e aos alunos que aceitaram o desafio de realizar a atividade proposta. À Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Esporte do Estado de Goiás (SEDUCE-GO), ao IFG – Campus Itumbiara e Universidade Federal de Uberlândia pela parceria.

REFERÊNCIAS

D'Ambrosio, U. (2014). *Educação para uma sociedade em transição*. 3 ed. São Paulo – Editora Livraria da Física, 2016.

Fundação Palmares/MTC. et al. (Orgs) África e Brasil. In Revista Palmares.Fundação Cultural Palmares, n.º 5; Brasília nov. 2000.

Maia, João Francisco et al (Orgs.) In: LEdoC/FUP/UnB - *História e Memória da Comunidade Kalunga Engenho II*. Monografia. Brasília, out. 2014.

Maia, Joelice Francisco. *Densidade de indivíduos de Xylopia Aromatica (Pimenta de Macaco) em uma área da comunidade Kalunga Engenho II*. Universidade de Brasília/ UnB. Monografia, Brasília - DF, 2013.

Moraes, R. Galiazzi, M. C. (2016). *Análise textual discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí.